



Luís Pires e João Gonçalves



Benz LP, a arte da filigrana acústica



Harpa Quarteto nos palcos de Las Vegas

CES 2002, LAS VEGAS

Viva Portugal!

Pela primeira vez na história da CES, Portugal fez-se representar no Alexis Park com dois componentes «high-end»: as colunas Harpa Quarteto e a célula Benz LP

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

NÃO PERDIA ISTO POR NADA DESTE MUNDO.

Só outra barbaridade fundamentalista me impediria de estar presente este ano em Las Vegas, para assistir ao êxito total da apresentação das Harpa, que já tinham sido capa da reportagem no Audioshow de Lisboa.

Luís Pires e João Gonçalves, da G&P Audio-Vídeo, os padrinhos destas notáveis colunas de som, estavam eufóricos. E os progenitores, José de Sousa e Carlos Matos, não cabiam em si de contentes.

Luís Pires, normalmente introvertido, exibia um modesto sorriso de orelha a orelha sempre que a sua célula de leitura Benz LP era preferida pelos visitantes a uma Clearaudio dez vezes mais cara. E juro-lhes que não foi efeito do Porto ou do Moscatel de Setúbal com que recebiam os visitantes mais ilustres, porque as doses foram judiciosamente racionadas. Tal como o «Alvarinho» e o tinto do Douro, escondidos debaixo do balcão para acompanhar os «fumados».

Quando muito terá sido da «bica» genuína (levaram de cá o café!), que teve sobre os indígenas o impacto da pimenta na Europa do tempo dos Descobrimentos. Por falar em pimenta, o café na América não passa de água-de-lava-cus. E muito do som que por lá se serve sabe tradicionalmente a água choca. Ou Colombo não estivesse ao serviço de Espanha quando lá chegou, sem saber onde estava.

Contudo, quando provam (ouvem) do que é bom, os americanos gostam – e voltam! Os portugueses, claro, volta e meia estavam lá caídos: o Delfim, da Delaudio, o João Pedro, da Digisom, o João Mendes, da Subsónica e o Paulo Machado foram clientes assíduos. Quando a pátria chama (aquele cheirinho a café e a som analógico no corredor!...), a concorrência fica à porta.

«Houve americanos que vieram cá várias vezes, e outros trouxeram até discos e amplificadores a válvulas debaixo do braço só para ouvir como as Harpa se comportavam. Ora, isto mostra um interesse genuíno no produto», comentou Luís Pires. E continuou: «Para facilitar o transporte optámos pelo modelo Quarteto. O topo de gama Lusitana levantava alguns problemas logísticos e de preço. Não convém ser demasiado ambicioso, ainda que neste país o dinheiro abunde».

Mas a mensagem passou. E a música também, mesmo sem o «supertweeter» Visaton da Lusitana. O som estava coeso, cheio, natural. Ouvi no Alexis marcas bem famosas a desafinar nota após nota. E as múltiplas propostas chinesas tinham quase todas o som assim, digamos, em... bico. As Harpas soaram sempre afinadas, polidas, educadas. Estas raparigas de Setúbal vão longe. E não carregam nos erres.

«Temos já imensos contactos para comercialização tanto das colunas como da célula. Valeu a pena o esforço», resumiu assim o João Gonçalves a opinião generalizada da equipa nacional. Não dizia Pessoa que tudo vale a pena? E com almas destas...

Pela minha parte, fiz tudo o que estava ao meu alcance para promover a presença portuguesa em Las Vegas. Escrevi até um pequeno texto em inglês para a «Stereophile» a propósito do sucesso das Harpa no Audioshow de Lisboa. «Hélàs», razões de espaço impediram que se concretizasse a desejada publicação na edição de Fevereiro, distribuída gratuitamente na CES. John Atkinson já garantiu, contudo, a publicação na edição de Março desta influente revista americana. Infelizmente, a revista não tem aparecido nas bancas em Portugal. Vou pedir ao John para colocar o texto também no site www.stereophile.com.

De resto, só me faltou levar o crítico Jonathan Scull ao colo até lá: «Mais oui, José, I promise to go there», disse ele. Não sei se apareceu. Mas pelo menos Ken Kessler cumpriu a promessa e esteve presente, mostrando-se interessado e atento, segundo Luís Pires.

É mais difícil entrar neste mercado que entrar no Céu, e há no mundo da altafidelidade interesses tão ou mais poderosos que na baixa política.

Mas com chá (perdão, café), simpatia e, fundamentalmente, paixão é possível mover montanhas. E eles moveram-nas, caramba! (Bom, admito que o «Alvarinho» pode ter dado uma ajuda...).

De uma vez por todas, temos de acabar, em todas as áreas de actividade, com esta história de sermos os coitadinhos da Europa. Metam mãos à obra e vão ver/ouvir. Contem comigo! ■

Na próxima edição de DNA, tudo sobre a CES2002, num suplemento especial de 24 páginas